

MORAR FORA NÃO É DIFÍCIL

Requisito: o idioma.

POR CRISTINA RAMALHO

Dá para morar fora do País de forma legal e pouco dispendiosa ou até gratuita. Regra fundamental: saber o idioma do local desejado. De bom tom: estar aberto para enfrentar novas situações. Quem se sente à altura deve procurar um consulado. Há inúmeras opções de cursos: em graduação, pós-graduação, complementares (chamados de sanduíche) e os intercâmbios adolescentes, nos quais é preciso testar ainda mais a capacidade de resistência, morando com uma família adotiva.

Para os que querem começar cedo existe uma opção infantil. O **CISV (Children International Summer Village)** permite que crianças de 8 a 11 anos convivam aqui e em outros países com coleguinhas do mundo inteiro, em alojamentos e casas de família. E se a idéia de uma mãe a mais parece assustadora, morar num lar é a melhor forma de aprender um idioma.

Estudar fora, em particular para os alunos de nível universitário, é menos complicado do que parece. As bolsas costumam ser integrais, com um adicional para a sobrevivência no país. Recomenda-se um ano de antecedência no pedido: é o tempo mínimo de seleção. A avaliação de um candidato a bolsa arrola detalhes sutis como uma ficha de um pretendente de agência matrimonial. Indivíduos simpáticos e sem preconceitos ganham pontos. Timidez é característica proibida, mas cuidado: quem apela para uma boa lábia não é bem visto.

"O candidato deve ser interessante e acessível, mas é imprescindível que ele seja responsável, pontual e estudioso", garante Irene Felman, coordenadora do programa Fulbright (uma comissão de intercâmbio educacional entre os Estados Unidos e o Brasil). A Fulbright é composta por membros dos governos americano e brasileiro, e existe em vários países do mundo. No Brasil, seu serviço de orientação fica na escola de inglês Alumni, no Morumbi.

Qualquer pessoa que queira informações sobre estudos nos Estados Unidos é encaminhada pelo consulado para a sala de Irene Felman. Que há 20 anos orienta, seleciona os felizardos que seguem para os Estados Unidos e ainda coleciona histórias pitorescas dos bolsistas.

ATENÇÃO: COSTUMES SÃO DIFERENTES.

Não é como no País

"Recebo todo tipo de gente e informo sobre estudar nos Estados Unidos desde a pré-escola até bolsas de doutorado", diz Irene Felman, a coordenadora do programa Fulbright. Ela alerta também quanto à escolha do melhor intercâmbio adolescente. "Não se deve mandar filho/nenhum para fora sem saber onde e como é a casa designada para ele, informações sobre a família adotiva e troca anterior de cartas, telefonemas e fotos".

Aos que imaginam que é só cruzar o oceano para encontrar o paraíso, vale mais um lembrete de Irene: "Jamais tenha expectativas de reproduzir lá fora situações semelhantes às vividas no Brasil. Os conceitos de amizade ou liberdade são diferentes de país para país".

Diante da conselheira, Paulo Fernandez Sarli, 27 anos, fez cara de quem aprendeu a lição. No próximo dia 21 de julho ele vai embarcar para os Estados Unidos, onde estudará em dois anos tudo sobre engenharia de softwares, num curso de doutorado. Óculos, jeito tímido, Paulo já morou fora quando criança, mas sabe que agora vai precisar de muito jogo de cintura. "Estou tão assustado, mas confiante". No mesmo voo seguirá a tranqüila Maria Cláudia Batista, 28 anos, bolsista de mestrado em Engenharia Química. "Estou ocupada me preparando para a viagem que ainda nem senti medo". Cláudia é uma privilegiada: terá uma licença da Rhodia, onde trabalha, para poder se dedicar aos estudos nos EUA por dois anos. "Sei que quando voltar estarei com o emprego garantido".

ESTUDAR NO EXTERIOR: TODOS OS CAMINHOS.

Numa época como a contemporânea, em que a crescente integração da economia mundial se junta o descompasso do ensino brasileiro em acompanhar essa situação de internacionalização e de novas tecnologias, mais do que nunca se tornou importante que os jovens vão estudar no Exterior. Isso não é tão difícil quanto parece. Nesta página, e na página seguinte, indicações de como viajar, para estudos e pesquisas, para países

como os Estados Unidos, Canadá, França, Japão e Grã-Bretanha. Há também as experiências de quem tentou estudar no Exterior, sempre com resultados positivos. Existem várias possibilidades, desde a estada na casa de uma família em algum país até as bolsas para pós-graduação e doutorado. Há oportunidades até para crianças. Em contrapartida, há crianças de outros países que vêm conhecer o Brasil.



Um grupo de crianças de 12 países no acampamento do CISV, junto à represa Billings.



O pequeno dinamarquês Madas, de viking.

Uma alegre Babel, com crianças de 12 países.

O sítio do Pai-Querê, na zona Sul de São Paulo, junto à represa Billings, está vivendo, neste mês, dias de uma alegre Torre de Babel. Crianças de onze anos, de doze países diferentes, brincam, conversam, cantam com trajes típicos. É um acampamento do CISV (Children International Summer Village-Aldeia de Verão Internacional para Crianças), entidade que promove a paz. "O CISV funciona com voluntários, no mundo inteiro, com o objetivo de integrar diversas culturas e promover a paz", explica Francisco Mazuca, um dos membros da entidade.

A criançada (a partir dos dez anos) se reúne periodicamente, e os pais idem, para

descobrir os encantos da integração cultural, com o exercício de atividades e discussão de temas relativos a cada país. Vez por outra, surgem as viagens para o Exterior. Cada país envia quatro crianças (dois casais) e um monitor para o acampamento, que pode ser na neve da Islândia ou num bambuzal do Japão. Neste julho é a hora e a vez de São Paulo, com 48 crianças no sítio do Pai-Querê. A estadia dura 28 dias, passados no alojamento e incluindo fins de semana em casa de família, com os monitores descansando.

"Aqui é muito gostoso", dizia uma fascinada americana, a pequena Meg Williams. De trajes típicos, esta menininha do Tennessee cantava e dançava numa grande roda com todos os colegas do CISV. Na grama, um dinamarquês vestido como viking



A americana Meg Williams, do Tennessee.



A holandesa Madeleine Isampen

rola com um holandês típico, um camponês italiano brinca de pega-pega com uma francesinha, a mexicana morre de rir ao lado de um sueco.

Os monitores também só fazem elogiar. "Já participo do CISV desde menina e visitei muitos países. Sonhava em conhecer o Brasil", declarou a italiana Cristina

Ferrari, 21 anos. Há uma pequena anuidade e, se a intenção é monitorar uma turma, exige-se domínio do inglês. Nas viagens, é preciso pagar a passagem aérea e uma taxa para o acampamento. Maiores informações pelo telefone da secretaria do CISV: 871-2798.

C.R.

VIVENDO EM UM LAR NO ESTRANGEIRO

Sem falar o idioma

A adolescente que suspira com as paisagens branquinhas da Finlândia ou recorta todas as fotos da Indonésia pode seguir sua imaginação via intercâmbio. A AFS (**American Field Service**) oferece 15 a 20 países por ano para quem quiser morar durante onze meses com uma família adotiva. "O intercâmbio é uma forma da gente aprender a respeitar as diferenças e adquirir ampla noção de cidadania", explica Marcos Searone, diretor nacional da AFS. Os critérios de seleção variam de acordo com a legislação do país hospedeiro. Surpresa: não é preciso saber o idioma do local escolhido. "Todo mundo acaba aprendendo e nos primeiros seis meses o aluno frequenta todas as aulas, com exceção da aula do idioma", explica Marcos.

A partir do segundo semestre, é preciso fazer o curso completo. "Me virei bem com o finlandês. Há palavras semelhantes ao português em matérias como matemática", conta Valéria Rossatti, 17 anos, recém-chegada de uma cidadezinha na fronteira da Finlândia com a Rússia. Valéria ganhou uma nova família, com direito a casinha de madeira, neve no quintal, pai, mãe e duas irmãs.

Para a brasileira, a maior dificuldade foi com a temperatura climática e humana. "Peguei 22º negativos e as pessoas lá são muito fechadas. Mas não enfrentei preconceitos". Sua pele marmorea causou espanto. "Não acreditavam que eu vinha do Brasil", diverte-se. Andréa Moreira dos Santos, sua melhor amiga, vai agora para a Alemanha. Tentar uma viagem pela AFS significa gastar um pacote incluindo a passagem ida e volta do Rio de Janeiro, seguro de vida, seguro saúde e inscrição escolar. O preço muda conforme o destino. Canadá e Estados Unidos saem por US\$ 4.700; mas Ásia e Oceania custam US\$ 5.500. Existem bolsas.

Até dia 15 de agosto ainda dá tempo de se inscrever para viajar daqui a um ano para os países do Hemisfério Norte e em janeiro de 1994 para o Hemisfério Sul. Idade: de 14 a 17 anos na época da inscrição. Dia 16 de agosto os candidatos farão uma prova de Conhecimentos Gerais, que avalia nível de informação e capacidade de se virar. AFS — rua Joaquim Eugênio de Lima, sede do Yázigi. Informações só pessoalmente.

NO ROTARY, NORMAS MAIS RÍGIDAS.

Sem namoro

Meninos e meninas de 15 a 17 anos que para morar fora do Brasil estão dispostos até a não namorar nem beber podem procurar o Rotary Club. "Existem umas normas rígidas, mas o programa é interessante", fala Ricardo Duarte, adido cultural do Canadá e ex-diretor do programa de bolsas do Rotary.

Os rotarianos costumam fiscalizar cada detalhe do candidato brasileiro (cuja família deverá, em troca, hospedar um estrangeiro), bem como da residência estrangeira correspondente.

"O estudante brasileiro estará representando seu país e irá participar também de cerimônias do Rotary. Daí a nossa preocupação com uma boa imagem", explica Basílio da Silva Neto, diretor do Rotary. Leia-se excelente performance escolar, capacidade de adaptação e condições de representar o Brasil.

O Rotary oferece três tipos de intercâmbio: longa duração (12 meses), curta (um a dois meses) e um especial, ainda experimental, para deficientes físicos. Recentemente, uma moça de 19 anos, com paralisia, viajou para os Estados Unidos.

Dezesseis países estão na lista de opções de intercâmbio via Rotary. Paga-se a passagem, o seguro, e as taxas de inscrição e confirmação escolares (estas custam aproximadamente US\$ 450). E preciso falar inglês. **Informações: na av. Higienópolis, 996, 5º andar (prédio do Colégio Rio Branco). Tel: 66-0131.**